



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA
CINEMA DE ANIMAÇÃO

Israel Henrique de A. Lima

**A REPRESENTATIVIDADE NEURODIVERGENTE NO PERSONAGEM JACK
RUSSELL DE BLUEY (2018)**

Pelotas/RS

2023

Israel Henrique de A. Lima

**A REPRESENTATIVIDADE NEURODIVERGENTE NO PERSONAGEM JACK
RUSSELL DE BLUEY (2018)**

Projeto de artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientador: Alexandre Severo Masotti

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como a representatividade neurodivergente é trabalhada no personagem Jack Russell de *Bluey* (2018) em seu episódio de introdução. Para isso, por meio de um estudo de caso, será identificado e analisado os aspectos visuais e narrativos que cooperam para a formação dessa representação, referente transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) do personagem. Com base nisto deseja-se entender como a representatividade neurodivergente se aplica no personagem em questão no contexto do seu episódio de introdução.

PALAVRAS-CHAVE: Animação; Bluey; Neurodiversidade; Representatividade; TDAH.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 DESENVOLVIMENTO	6
2.1 Metodologia	6
2.2 Referencial Teórico	8
2.2.1 Neurodiversidade e neurodivergência	9
2.2.2 TDAH	11
2.2.3 O que é representatividade?	12
2.2.4 Neurodivergência na animação	15
2.3 Bluey, a animação	17
2.4 Jack Russell e a representação neurodivergente	18
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

Promover discussões e reflexões no contexto atual em que vivemos acerca de temas como “neurodivergência” é necessário, pois ajudam na difusão de conhecimento e desmistificação de assuntos deste campo. Portanto, esta pesquisa, acima de tudo, pretende contribuir ampliando as discussões sobre neurodiversidade no cinema. Mais especificamente no cinema de animação, cooperando assim na compreensão da pluralidade de público e da importância da representatividade neurodiversa neste tipo de mídia.

Percebendo também que as pesquisas dentro do assunto (representatividade neurodivergente, especificamente em animações) são recentes, e são poucos os dados ou levantamentos referentes a este tema em específico, o presente trabalho faz um levantamento em abordagem inicial de Revisão de Literatura com estudo de caso. Investigando assim, de que maneira é trabalhada a representatividade neurodivergente no personagem Jack Russell, da série de animação *Bluey* (2018).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, não tendo como foco os valores numéricos dos dados coletados, e sim a qualidade dos mesmos. Segundo Silveira (2009), pesquisas qualitativas buscam explicar o porquê das coisas, não quantificando seus valores nem se propondo a provar os fatos, pois seus dados são não-métricos. Ou seja, elas trabalham com um conjunto de significados mais profundos dos processos e fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001). Assim, nesta pesquisa foi realizada a observação e análise das características de um personagem em específico (Jack Russell), em um episódio em específico do seriado *Bluey*.

É uma pesquisa de natureza básica, pois tem como foco “[...] gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais” (SILVEIRA, 2009, p. 34) e de caráter exploratório dado que visa proporcionar maior familiaridade com o problema e torná-lo mais explícito (GIL, 2002). Servindo, assim, de fonte de informações e base de consulta para realizadores de animação interessados no assunto entenderem melhor como funciona a representação neurodivergente em personagens de animação. E, ao mesmo tempo, gerar reflexões sobre a importância da representatividade neuroatípica nos mesmos.

Tratando-se de uma pesquisa que tem como um dos principais objetivos analisar os aspectos e características de um personagem em um episódio específico (Jack Russel no episódio “*Army*”), a técnica utilizada será o estudo de caso, que segundo Gil (2002, p. 54), “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhadamente e conhecimento [...]” (GIL 2002, p. 54), sendo “[...] o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real [...]” (GIL 2002, p. 54 *apud* YIN, 2001).

Para a coleta de dados do estudo de caso dessa pesquisa, será assistido o décimo sexto episódio da segunda temporada da animação *Bluey* (2018), identificando e tomando notas sobre as características de construção visual e

narrativa do personagem Jack Russell que aparentam ser formas de representar o TDAH no mesmo.

Deste modo, para analisar como essa representatividade neurodivergente, no personagem em questão, se aplica. Será utilizada a seguinte sequência de tópicos:

- Analisar o décimo sexto episódio da segunda temporada de *Bluey* (2018), “*Army*”, e identificar de quais maneiras (visuais e narrativas), as características neurodivergentes, mais especificamente do transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), são representadas no personagem Jack Russell, fazendo um paralelo com os traços de diagnóstico do transtorno.
- Refletir acerca das escolhas de abordagem do tema no personagem e no episódio a serem analisados;
- Pensar sobre como a representatividade se aplica neste contexto, e qual o seu papel na animação em questão.

Para realizar a revisão de literatura foram feitas pesquisas utilizando tanto o Google Acadêmico quanto o Google como ferramentas de busca. Muitos artigos foram encontrados utilizando palavras-chave em português e em inglês, como “neurodiversidade animação”, “*adhd animation*”, “personagens neurodivergência”. Porém, apenas alguns deles apresentam o que se pretende abordar aqui. Seja tratando sobre representatividade neurodivergente, animação como ferramenta de conscientização ou a importância da representatividade para alunos com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

Para análise de artigos e criação de fichas de leitura dos mesmos, estes serão selecionados de acordo com a aderência ao tópico e que de alguma forma possam contribuir. De acordo com tais critérios de inclusão, alguns trabalhos se mostraram mais relevantes, sendo:

1. Uma análise de como a representatividade em personagens fictícios pode servir como auxílio ajuda para pessoas com TDAH obterem maior rendimento escolar.¹

¹ Veja em: <https://josif.ifsuldeminas.edu.br/ojs/index.php/anais/article/view/477/376>. Acesso em: 10 de ago. 2023

2. Uma análise documental, tomando como base perfis online e suas publicações, de relatos de jovens e adultos sobre representatividade do TEA em filmes e séries.²
3. Um estudo de comunicação dos autistas dentro de *fandoms* através de um movimento de teorização chamado “*Actually Autistic*”.³
4. Um estudo sobre o porquê de alguns indivíduos com TEA serem atraídos por animações e como isso potencialmente impacta na vida social dos mesmos.⁴
5. Uma investigação de como as representações de personagens com TEA em filmes e séries se alinham com os critérios de diagnósticos do “Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição” (DSM-5).⁵

2.2 Referencial Teórico

Para evitar erros de compreensão do tema, primeiramente será contextualizado sobre o significado e origem de alguns termos e conceitos importantes que serão utilizados ao longo de todo o trabalho, tais quais neurodiversidade, neurodivergência e representatividade. Sendo finalizado, em uma breve abordagem, a atual situação da representatividade neurodivergente na esfera das animações.

2.2.1 Neurodiversidade e neurodivergência

Como o assunto a ser tratado neste artigo abrange um grande grupo de pessoas, pois se desenvolve em cima de conceitos como diversidade, inclusão e representatividade, alguns termos precisam ser esclarecidos para que assim possam ser compreendidos com clareza durante o trabalho. Ressalto também que

² Veja em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_EV174_MD1_ID10680_TB2_200_27072022204508.pdf. Acesso em: 10 de ago. 2023

³ Veja em:

http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/11999/Mariana%20Benetti_PROTEGIDO.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 de ago. 2023

⁴ Veja em: https://digitalcommons.slc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1005&context=senior_theses. Acesso em: 10 de ago. 2023

⁵ Veja em:

https://www.researchgate.net/publication/319272810_Mental_health_on_screen_A_DSM-5_dissection_of_portrayals_of_autism_spectrum_disorders_in_film_and_TV. Acesso em: 10 de ago. 2023

as terminologias aqui descritas e citadas foram criadas por pessoas neurodivergentes, frisando assim a importância do uso e compreensão correta dos mesmos.

O termo “neurodiversidade” não é tão recente. Por mais que tenha se popularizado no vocabulário de muitos somente de uns anos para cá, a palavra tem sua primeira aparição registrada oficialmente em 1998, inserida em um trabalho de conclusão de curso realizado pela socióloga Judy Singer. Nele, Judy, estabelece um paralelo curioso da neurodiversidade com a biodiversidade, nos apontando que:

Assim como a biodiversidade, de Edward O. Wilson, diz respeito a todas as espécies do planeta, a neurodiversidade seria referente à infinita pluralidade neurocognitiva de todas as populações e sua subsequente importância para toda a humanidade (ABREU, 2022, p. 19).

Tomando isso como base, observa-se que neurodiversidade é um conceito coletivo, não se aplicando a apenas um indivíduo, tampouco um grupo em particular, pois o mesmo leva em conta todos os tipos de pessoas e mentes, sendo elas tanto neuroatípicas, com transtorno do espectro autista (TEA), dislexia, transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) entre outros, quanto neurotípicas, das quais não apresentam alterações ou transtornos neurológicos. Desse modo, para Walker (2014, online, tradução nossa): “Um grupo de pessoas é **neurodiverso** se um ou mais membros do grupo diferem substancialmente de outros membros, em termos de funcionalidade neurocognitiva”.

Conseqüentemente a palavra “neurodivergente” foi criada alguns anos depois, no ano de 2000, pela ativista Kassiane Asasumasu, como forma de evitar o uso da palavra “neurodiverso” para se tratar de um indivíduo neuroatípico.

Afinal, com base no conceito de neurodiversidade, é possível constatar que ser neurodiverso não seria uma característica individual, nem de um grupo específico, mas sim de uma coletividade. Com base no mesmo pressuposto, seria incorreto dizer “pessoa com neurodiversidade” ou qualquer expressão similar (ABREU, 2022, p. 20).

Assim, “Neurodivergente” e “neuroatípico” podem ser utilizados como sinônimos, e como já exemplificado anteriormente, essas palavras e seus derivados são utilizadas para se referir a pessoas com alguma diferença neurológica, com um desenvolvimento e comportamento específicos e distintos dos padrões predominantes e esperados pela sociedade.

Ao longo dos anos, e passando por diversas discussões em torno do tópico, o termo “neurodiversidade” tomou proporções ainda maiores passando também a ser, para além de um termo para definir um certo conjunto de características, um movimento social. Movimento esse que teve início dentro do “movimento de direito dos autistas”, mas gradualmente se expandiu para englobar toda a comunidade neurodivergente.

O **Movimento da Neurodiversidade** é um movimento de justiça social que visa direitos civis, igualdade, respeito, e inclusão social completa para o neurodivergente [...] não é um único grupo ou organização, não é coordenado por nenhum grupo ou organização, e não tem líder. Como a maioria dos movimentos de direitos civis, o Movimento da Neurodiversidade é composto por um grande número de indivíduos, alguns deles organizados em grupos de um tipo ou outro (WALKER, 2014, online, tradução nossa).

Dito isso, que fique claro que, mesmo assim, o assunto da neurodiversidade nunca foi consensual dentro da comunidade neurodivergente.

Se nem as próprias pessoas autistas são unânimes quanto a esse conceito, aqueles que apoiam determinado modelo conceitual – e, conseqüentemente, o movimento – podem ter entendimentos distintos sobre o que cada termo, de fato, significa (ABREU, 2022, p. 19).

O objetivo deste capítulo é apenas esclarecer dúvidas referentes a certos termos que poderão ser usados durante o decorrer do trabalho, evitando assim, que na leitura, tais conceitos possam ser confusos de se compreender. Bem como, o objetivo desta pesquisa não é se aprofundar na definição da neurodiversidade como movimento em si, mas sim utilizar o termo aplicado ao conceito da representatividade neurodivergente, tomando como base os conceitos iniciais definidos por Judy Singer e Kassiane Asasumasu.

2.2.2 TDAH

As informações e definições apresentadas neste capítulo, que servirão de base para o artigo, se apoiam em fontes, documentos e pesquisas reconhecidas que tem como principal objetivo padronizar e oficializar os critérios e diagnósticos dos transtornos mentais e emocionais, fundamentadas no conhecimento que se tem sobre tais questões até o momento.

Dito isso, de acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção⁶ e a Declaração de Consenso Internacional da Federação Mundial de TDAH⁷, o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade, ou TDAH, é um transtorno genético neurológico crônico que se apresenta logo na infância e acompanhando regularmente o indivíduo por toda sua vida (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO [s.d.]; FARAONE *et al.*, 2021, tradução nossa). E acrescentando do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o transtorno, que é reconhecido oficialmente por vários países e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), tem como sua principal característica um padrão acentuado e persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade, inconsistente com o nível do desenvolvimento, que claramente impactam negativa e diretamente no funcionamento e desenvolvimento social, profissional e acadêmico de um indivíduo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

A *desatenção* manifesta-se comportamentalmente no TDAH como divagação em tarefas, falta de persistência, dificuldade de manter o foco e desorganização – e não constitui consequência de desafio ou falta de compreensão. A *hiperatividade* refere-se a atividade motora excessiva (como uma criança que corre por tudo) quando não apropriado ou remexer, batucar ou conversar em excesso. [...] A *impulsividade* refere-se a ações precipitadas que ocorrem no momento sem premeditação e com elevado potencial para dano à pessoa [...] (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 61)

Apesar de existirem, marcadores biológicos não são considerados critérios de diagnóstico do TDAH. Seu diagnóstico é clínico e há diversos sintomas característicos que se devem levar em consideração para determinar o transtorno em questão. O DSM-5 apresenta uma lista destes sintomas, onde, tanto em desatenção, quanto em hiperatividade-impulsividade, seis ou mais deles devem estar presentes para que se caracterize o TDAH. Sendo em desatenção:

- a. Frequentemente não presta atenção em detalhes ou comete erros por descuido em tarefas escolares, no trabalho ou durante outras atividades [...]
- b. Frequentemente tem dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas [...]
- c. Frequentemente parece não escutar quando alguém lhe dirige a palavra diretamente [...]
- d. Frequentemente não segue

⁶ Veja em: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>. Acesso em: 10 de ago. 2023

⁷ Veja em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S014976342100049X?ref=pdf_download&fr=RR-2&r=7f54cec52f9cbcc7. Acesso em: 10 de ago. 2023

instruções até o fim e não consegue terminar trabalhos escolares, tarefas ou deveres no local de trabalho [...] e. Frequentemente tem dificuldade para organizar tarefas e atividades [...] f. Frequentemente evita, não gosta ou reluta em se envolver em tarefas que exijam esforço mental prolongado [...] g. Frequentemente perde coisas necessárias para tarefas ou atividades [...] h. Com frequência é facilmente distraído por estímulos externos [...] i. Com frequência é esquecido em relação a atividades cotidianas [...] (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 59)

E em hiperatividade e impulsividade:

a. Frequentemente remexe ou batuca as mãos ou os pés ou se contorce na cadeira. b. Frequentemente levanta da cadeira em situações em que se espera que permaneça sentado [...] c. Frequentemente corre ou sobe nas coisas em situações em que isso é inapropriado. (Nota: Em adolescentes ou adultos, pode se limitar a sensações de inquietude.) d. Com frequência é incapaz de brincar ou se envolver em atividades de lazer calmamente. e. Com frequência “não para”, agindo como se estivesse “com o motor ligado” [...] f. Frequentemente fala demais. g. Frequentemente deixa escapar uma resposta antes que a pergunta tenha sido concluída [...] h. Frequentemente tem dificuldade para esperar a sua vez [...] i. Frequentemente interrompe ou se intromete [...] (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 60)

Vários destes sintomas se apresentam cedo. Para que haja um diagnóstico é necessário que eles se apresentem antes mesmo dos doze anos de idade, persistam por pelo menos seis meses, e estejam presentes em dois ou mais ambientes distintos, nitidamente interferindo e/ou reduzindo a qualidade do funcionamento social, profissional ou acadêmico da pessoa. No entanto, vale ressaltar que, tais sintomas comumente variam dependendo de fatores como contexto e ambiente, e os mesmos, tanto podem ser leves, moderados ou graves, quanto podem ser combinados e com aspectos predominantes ou não, dependendo de cada caso e de cada indivíduo.

2.2.3 O que é representatividade?

O termo representatividade tem suas raízes na palavra representação, palavra essa de proveniência latina que, em suas origens, segundo Lagarde e Hauck (1907 *apud* PITKIN, 2006) significava manifestar, tornar presente ou apresentar novamente. Ali seu uso quase que inteiramente era exclusivo para objetos inanimados e passou por muitos processos de mudança, ressignificações e utilizações em diferentes contextos até que chegasse ao conceito do representar

que conhecemos hoje, “ser a imagem, o símbolo, a reprodução de”. Tamanha essas mudanças que, analisar detalhadamente o processo histórico de transformação deste conceito exigiria um estudo aprofundado da palavra em diversas circunstâncias simultaneamente.

“Seu foco é limitado principalmente à história etimológica, com incursões ocasionais na história sociopolítica; e seu interesse primário está na representação política, embora aquele foco seja tratado em relação aos muitos outros campos de significado dessa família de palavras.” (PITKIN, 2006, p. 17)

Entretanto, como isso se aplica ao que queremos definir como representatividade neste capítulo? Principalmente quando queremos inserir tal conceito no contexto das mídias audiovisuais.

Observando os estudos do teórico cultural e sociológico Stuart Hall sobre cultura e representação, tomando como base as teorias construtivistas abordadas pelo mesmo, temos que a construção de sentido que damos às coisas se dá pela maneira com que representamos elas em nosso meio. É um constante ciclo de retroalimentação entre linguagem e significado.

“[...] nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que dela criamos, as emoções que associamos a elas, maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim os valores que nelas embutimos.” (HALL, 2016, p. 21)

O papel básico da representação seria retratar ou descrever algo, criando simbolismos, significados ou sendo uma apresentação ou equivalente de algo, de grupos, eventos ou objetos. O mesmo, nos dá de uma maneira breve e simples que “Representação é a produção de sentido pela linguagem. [...] Linguagens podem usar signos para simbolizar, indicar ou referenciar objetos, pessoas e eventos no chamado mundo ‘real’.” (HALL, 2016 p. 53)

Digamos então que, o significado da palavra vai além do caráter puramente indiferente e mimético, representar seria, em especial dentro da linguagem audiovisual, este ato de ativamente simbolizar, indicar e referenciar algo do mundo “real” de maneira que se possa ter significado e ser compreendida, como um correspondente, em meio aos códigos culturais e linguísticos na qual está inserida.

Representatividade, portanto, assim como suas palavras de origem, denota uma imensa gama de significados e usos. Superficialmente podemos adotar um sentido uno e central, porém em sua aplicação vemos a vastidão do conceito, e como as circunstâncias o projetam muito mais além. No momento em que começamos a analisar o conceito de representatividade pelo coletivo, vemos que a palavra se coloca no papel de caracterizar aspectos em comum de determinados grupos. Determinados grupos podem se ver representados em apenas um indivíduo ou símbolo, se identificando não em todos os detalhes com aquela representação, mas vendo nela algo que, ao ser comum da vivência ou experiência da maioria, a torna significativa à totalidade daquele grupo em questão, mesmo em sua pluralidade e diversidade interna.

Até mesmo ao levar a discussão para a esfera puramente política, onde essa definição é bem mais delimitada, temos que o sentido de representatividade:

“[...] é centrado mais sobre o efeito de conjunto do que sobre o papel de cada representante. Ele concebe o organismo representativo como um microcosmos que fielmente reproduz as características do corpo político.” (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998, p.1102)

Onde:

“Quais as características do corpo social, que merecem ser espelhados no organismo representativo, é naturalmente o primeiro quesito que se coloca. Além das que são estritamente políticas e ideológicas, podemos indicar as características sócio-econômicas, profissionais, religiosas, culturais, étnicas e raciais, e até as diferenças de sexo e o elenco poderia continuar.” (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998, p.1103)

Ainda que, não é somente o fato de deter os atributos e características de um o coletivo o único requisito para que haja representatividade. Uma vez que não é sempre que aquilo que representa traz consigo automaticamente uma aplicação legítima ou válida, pois isso depende de como ela o mesmo é recebido, e como se compromete com os aspectos morais e éticos do todo, podendo agir de contrário aos valores de quem se pretende representar.

Seria correto dizer que, representatividade, no sentido que buscamos aplicar para este trabalho, é sobretudo um conceito essencialmente social, que está fortemente vinculado ao seu cenário. Diferentes contextos socioculturais geram diferentes realidades, conseqüentemente gerando diferentes nuances do que se encaixa como representatividade, já que há “[...] certa falta de equivalência e uma

necessidade de *tradução* quando nos movemos de um universo mental ou conceitual de uma cultura para outro.” (HALL, 2016, p. 108)

Tais afirmações demarcam muito bem, trazendo ao nosso contexto atual, a diferença existente na aplicação do conceito de representatividade quando se trata de grupos minoritários e invisibilizados socialmente, onde, andando lado a lado com a diversidade, tal palavra usualmente se encontra no ápice de significado e importância.

O intuito ao definir o conceito de representatividade neste capítulo, por mais que possa não ser de extrema precisão, é de que se crie a base de entendimento necessária para o que se pretende discutir adiante acerca do objeto (personagem) escolhido, e assim entender os aspectos que caracterizam o mesmo não como um resumo de um todo, como já dito antes, mas como uma representação na qual certa comunidade pode se enxergar de maneira apropriada.

2.2.4 Neurodivergência na animação

A representatividade neurodivergente dentro do audiovisual, no geral, nem sempre foi a ideal, muitas vezes como um reflexo do contexto no qual estão inseridas, contexto esse, que por muito tempo, tópicos como “neurodiversidade” não eram amplamente discutidos, poucas vezes a representatividade neurodiversa esteve presente. Neste capítulo será abordado o atual estado em que se encontra a representação neurodivergente canônicas do mercado de animação, como também, serão apresentados alguns exemplos que trabalham essa questão.

Personagens neurodivergentes, por mais estereotipados que sejam, vem sendo representados na mídia, oficialmente, desde *Rain Man* de Barry Levinson (1988), em diversos filmes, curtas e séries *live-action*⁸. Porém, ao pesquisar pelas mesmas representações dentro do campo da animação os resultados são bem diferentes, personagens e ou narrativas que abordam representatividade neurodivergente, quando se diz respeito a representações declaradamente canônicas e não somente especulações, não são muito abundantes até algum tempo atrás. O personagem de animação mais antigo retratado intencional e declaradamente neurodivergente, com transtorno do espectro autista, é Kamille

⁸ **live-action**, é o termo que define as obras audiovisuais que são realizadas por atores e atrizes reais, sendo o contrário de animação.

Bidan da série de animação japonesa *Mobile Suit Zeta Gundam* de Yoshiyuki Tomino (1985). Depois disso, desconsiderando os personagens que foram revelados serem personagens neurodivergentes tempos depois de suas séries terem ido ao ar, como um exemplo Billy de *The Grim Adventures of Billy and Mandy* de Maxwell Atoms (2001) e Manny Rivera de *El Tigre: The Adventures of Manny Rivera* de Jorge R. Gutierrez (2007) - que, após ambos os criadores terem descoberto fazer parte do espectro autista, revelaram que os personagens eram, de certa forma, pessoas com autismo também - outro registro (encontrado nesta pesquisa) canônico que abertamente retrata um personagem neurodivergente, é Max Horowitz (com síndrome de Asperger) do filme de animação em stop-motion *Mary and Max* de Adam Elliot (2009).

Além do mais, o que se encontra, quase que em sua totalidade, são representações do transtorno do espectro autista (TEA), que é a neurodivergência mais “popular” a ser representada na mídia como um todo. São poucas e recentes as animações que exploram a pluralidade dos tipos de neurodivergências existentes. Contudo, percebe-se que com a vinda à tona das discussões sobre o assunto nas últimas décadas, há uma atenção maior em torno da busca por uma representatividade mais verossímil, menos caricata e cheia de estereótipos genéricos, e com mais complexidade e nuances, como um exemplo a Entrapta, personagem da animação *She-Ra and the Princesses of Power* de Nate Stevenson (2018), que assim foge do esteriótipo de representação masculina do TEA que por muito tempo existiu no audiovisual.

É pouco levando em consideração as animações que abertamente discutem sobre ou que tem como elemento principal de sua narrativa falar sobre neurodivergência e neurodiversidade, no entanto o crescimento constante e o aparecimento de mais personagens e narrativas do tipo é visível. Muito se teoriza nas comunidades *on-line* de séries de animação sobre se certos personagens seriam ou não seriam neurodivergentes, a movimentação em fóruns e redes sociais ao redor deste tipo de debate é enorme. E por mais que essas especulações levantadas por fãs tenham ou não confirmações canônicas, o fato delas existirem em grande quantidade é um forte indicativo do alcance e da abertura que certas animações atuais têm para que assuntos do gênero sejam abordados em torno delas, e do quão a comunidade neurodivergente, público das mesmas, cada vez mais toma voz para se manifestarem a respeito.

Muito ainda se discute sobre a representatividade neurodivergente atual ser ideal ou não, há tanto pontos de vista positivos quanto negativos sobre o assunto.

[...] um único filme ou série de TV não consegue capturar a riqueza e a variedade de experiências que residem no espectro autista. [...] para que representações de TEA nas telas tenham verdadeiro valor no desenvolvimento do entendimento público da condição, um maior e mais variado número de personagens autistas precisam ser incluídos no cânone cultural. (NORDAHL-HANSEN; TØNDEVOLD; FLETCHER-WATSON, 2017, p. 5, tradução nossa)

Contudo, utilizando das palavras de Mármol e Iranzo (2022, p. 105, tradução nossa) “É nesta reescrita contínua que papéis, arquétipos, e motivos visuais associados com neurodiversidade, abrem a possibilidade de normalização.”, ou seja, quanto mais se produz sobre, mais discussões são geradas acerca do assunto e quanto mais se discute, mais se normaliza e se entende.

2.3 Bluey, a animação

Bluey é um seriado de animação “infantil” australiano criado por Joe Brumm e produzido pela Ludo Studio. Vencedora do International Emmy Kids Awards de 2019⁹, os episódios são transmitidos desde 2018, e nela acompanhamos o cotidiano de Bluey Heeler, uma energética cadela de seis anos de idade, juntamente de seu pai Bandit Heeler, sua mãe Chill Heeler e sua irmãzinha mais nova Bingo Heeler, enquanto passam por situações rotineiras recheadas de imaginação, autodescobertas e amadurecimento emocional.

A série de animação infantil é um enorme sucesso mundial e chama a atenção pela maneira com que aborda, em narrativas bem trabalhadas e personagens cativantes, o tema de cada episódio, que se comunicam tanto com as crianças quanto com os adultos que a assistem.¹⁰ É um diálogo sincero que retrata

⁹ Veja em: <https://www.iemmys.tv/international-emmy-awards/winners-archive/#kids-awards>. Acesso em: 22 de nov. 2023

¹⁰ Veja em:

<https://www.washingtonpost.com/arts-entertainment/2023/02/08/bluey-adult-fandom-tiktok/>. Acesso em: 10 de set. 2023

Veja em: <https://www.wired.co.uk/article/bluey-internet-fandom>. Acesso em: 10 de set. 2023

Veja em:

<https://www.dailymail.co.uk/tvshowbiz/article-12298261/ABCs-Bluey-breaks-ratings-records-biggest-Australian-TV.html>. Acesso em: 10 de set. 2023

uma dinâmica familiar muito fácil de se relacionar por conta da simplicidade com que retrata assuntos complexos sobre relações familiares.

Bluey conta com uma comunidade enorme e diversa de fãs de todas as idades, que, ativa e constantemente discutem sobre o seriado em fóruns, redes sociais e podcasts ao redor da internet.

2.4 Jack Russell e a representação neurodivergente

Jack Russell é um personagem secundário que aparece em alguns dos episódios da animação Bluey, ele é também, assim como boa parte dos personagens do seriado, um jovem cachorro espontâneo e brincalhão. O filhote de pelagem marrom e branca é introduzido em 2020, no décimo sexto episódio da segunda temporada, intitulado *Army* (traduzido para português como Exército), nele, não só conhecemos ele e sua família, como também passamos a entender mais sobre a sua marcante personalidade.

No episódio acompanhamos Jack brincando de exército com seu recém feito amigo, Rusty, em seu primeiro dia na nova escola, enquanto tenta superar suas dificuldades pessoais de memorizar as coisas e seguir instruções. Em entrevista a um podcast, Joe Brumm, o criador e também roteirista da série, disse que o episódio foi inspirado nos trabalhos do psicólogo bielorusso Lev Vygotsky, um dos fundadores da Psicologia Histórico-Cultural. Mais especificamente em um experimento do mesmo, onde se observou que crianças mantinham um desempenho muito melhor em realizar tarefas de concentração e memorização – mais especificamente ficarem paradas por muito tempo e decorarem uma lista de nomes de comida – se as mesmas estivessem inseridas em um contexto lúdico, de brincadeiras (GOTTA BE DONE - A BLUEY PODCAST, 2021, tradução nossa).

O que chama a atenção no personagem, bem como no episódio que ele é introduzido, é o fato de que, logo de cara, o público neurodivergente da série, principalmente aqueles com TDAH, passaram a reconhecer nos traços do pequeno Jack e nas situações ali retratadas, características das quais se identificavam. Em consequência se sentindo representadas pelo mesmo.

Para entendermos como a representatividade neurodivergente é aplicada no personagem, primeiro devemos identificar os elementos que a compõem neste contexto. Analisando visualmente e narrativamente o episódio dezesseis da segunda

temporada, o personagem Jack Russell, e tomando como base as definições e critérios de diagnósticos de TDAH listados pelo DSM-5, serão observados e indicados a seguir, seguindo a cronologia do episódio, quais elementos de representação do transtorno se encaixam e se alinham com tais especificações.

Logo de início, Jack é mostrado dentro do carro com sua irmã menor e seu pai indo para a escola nova, Jack é quem narra o episódio em questão, e momentos antes o mesmo diz para sua mãe que não conseguiu ficar parado dentro do automóvel como sempre. Sentado em sua cadeirinha ele constantemente se demonstra inquieto, movimenta as pernas, puxa o cinto de segurança e batuca com as mãos e olha a todo momento pela janela, tanto que, quando seu pai lhe faz uma pergunta sobre seu boné, que ele esqueceu de pegar, Jack perde totalmente o foco do assunto pois se distrai com uma cabra que vê fora do automóvel.

Em toda esta sequencia inicial, é claro o paralelo que se faz entre os dois irmãos, Jack e Lulu, enquanto o irmão mais velho se remexe constantemente e se distrai com tudo, a menor quase não se move e até se incomoda com a inquietude do irmão, chegando a o questionar o porquê dele não conseguir fazer o que o que os outros o pedem e mais tarde até reclamar para a professora nova de Jack sobre ele não conseguir sentar direito e nem lembrar de nada.

Seguindo, Jack conhece Rusty, um outro filhote de pelagem avermelhada que também é aluno da escola, os dois começam a brincar de exército e, entre as brincadeiras, Jack diz à Rusty que tem dificuldade em seguir regras e que não é bom em lembrar de números e nomes.

Inclusive estes mesmos pontos são ressaltados por Jack em outra fala sua próximo ao final do episódio, onde ao ser questionado pelo amigo se sua antiga escola tinha algo de errado, e o mesmo responde: “Não, é que acontece alguma coisa comigo, eu não sou bom em fazer o que me pedem. E tem outra coisa, não consigo lembrar de nada, nem de números, nem de letras, nem do meu boné”.

Todas estas características descritas acima, as quais compõem o personagem Jack Russell – sua inquietude constante, sua facilidade em se distrair e se desconcentrar de atividades como conversas, sua dificuldade em cumprir tarefas que lhe são designadas, sua recorrência em perder ou esquecer de objetos necessários ou sua dificuldade em memorizar palavras e números – correspondem em algum ponto com mvários dos sintomas de diagnóstico de TDAH listados no manual DSM-5.

Seriam estes sintomas:

- Frequentemente tem dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas (p. ex., dificuldade de manter o foco durante aulas, conversas ou leituras prolongadas).

- Frequentemente parece não escutar quando alguém lhe dirige a palavra diretamente (p. ex., parece estar com a cabeça longe, mesmo na ausência de qualquer distração óbvia).

- Frequentemente tem dificuldade para organizar tarefas e atividades (p. ex., dificuldade em gerenciar tarefas sequenciais; dificuldade em manter materiais e objetos pessoais em ordem; trabalho desorganizado e desleixado; mau gerenciamento do tempo; dificuldade em cumprir prazos)

- Frequentemente perde coisas necessárias para tarefas ou atividades (p. ex., materiais escolares, lápis, livros, instrumentos, carteiras, chaves, documentos, óculos, celular).

- Com frequência é facilmente distraído por estímulos externos (para adolescentes mais velhos e adultos, pode incluir pensamentos não relacionados).

- Frequentemente remexe ou batuca as mãos ou os pés ou se contorce na cadeira

Ademais, o personagem demonstra ser totalmente consciente das suas diferenças e de como elas o afetam em seu cotidiano. O gestual, as falas, e reações deixam claro que tais traços afetam seu funcionamento social e acadêmico. Além de ficar subentendido, pela falta de surpresa dos pais de Jack, tanto a ocorrência em mais de um ambiente, quanto a recorrência dessas características e situações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já sabemos, para que o TDAH seja identificado, segundo o DSM-5, há vários outros critérios que devem ser levados em consideração, tais como a quantidade e consistência, assim como a intensidade e influência dos sintomas no cotidiano. Não podemos dizer que ao identificar as características de Jack Russell, que correspondem aos sintomas do transtorno, estamos fazendo um diagnóstico do personagem, porque não estamos. Até porque o objetivo não é esse – sabendo que

representatividade não é puramente conter as características de algo – aqui estamos falando de um personagem de uma mídia audiovisual e fazendo uma análise dentro de um pequeno recorte mostrado em tela para identificar como a representação do transtorno em questão ocorre, e conseqüentemente como a representatividade aqui se encaixa.

Fazer audiovisual, é ativa e constantemente fazer escolhas, tudo o que é visto e a forma com o que é visto dentro do enquadre tem uma intenção, desde as mais sutis nuances de movimentação de um personagem, até a duração de planos, a estética e a escolha de sons. Nada é feito sem ter uma prévia concepção do que se quer retratar e abordar, sobretudo quando tratamos da linguagem animada, onde o universo e a própria materialidade de tudo o que é visto é concebido do zero, em um controle quase que absoluto de todos os seus elementos. A animação em si é o puro ato de representar, o que seria deste tipo de linguagem se não fosse possível identificarmos significado naquilo que estamos vendo em tela e que em nada tem de “real”?

O que se quer dizer com isso é que, as escolhas feitas ao buscar um retrato de TDAH no personagem Jack Russell, são também escolhas em trazer o assunto à tona, são escolhas para dar abertura à discussões sobre o tema e conseqüentemente escolhas que falam sobre a própria representatividade neurodivergente. Fica claro, ao analisar o personagem dentro na narrativa de seu episódio de introdução, que o papel do mesmo não é somente carregar consigo elementos de um arquétipo neurodivergente, mas sim discutir sobre as diferenças e neurodiversidade em si na série.

O personagem apresenta os obstáculos e dificuldades do transtorno de maneira explícita, sóbria e sensível, sem cair na mesmice repetitiva de representações neurodivergente estereotipadas que se mantiveram por um bom tempo em diversas mídias visuais. Observando o mesmo em relação ao contexto histórico de personagens neuroatípicos em animação, vemos que seu discurso faz parte de uma leva mais atual de representação audiovisual acerca do tópico, que demonstram um tato maior à detalhes sociais e mais cuidado em ter uma base científica aceitável.

Deste modo, tomando como base tudo o que foi discutido e analisado ao longo do artigo, podemos concluir que a representatividade neurodivergente no Jack Russell se dá a partir da mescla de fatores, sendo eles: as escolhas tomadas para

representar os sintomas no personagem que, de maneira crível em relação ao diagnóstico de TDAH, torna possível facilmente o identificar e entender como um personagem neuroatípico; e a maneira de abordagem do tema dentro da narrativa de forma a não cair em estereótipos nocivos ou errôneos do assunto que, em diálogo com a comunidade neurodivergente, transparecem como uma representação condizente o suficiente em seu contexto sociocultural, a ponto de membros deste grupo terem se identificado ao se relacionarem com os aspectos retratados no personagem.

REFERÊNCIAS

ABREU, Tiago. **O que é neurodiversidade?** [livro eletrônico]. Goiânia: Câne Editorial, 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli *et al.* 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Título original: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO. O que é TDAH. **Tdah**, [s.d.]. Disponível em: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>. Acesso em: 10 de ago. 2023.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política I.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1 ed., 1998.

CIPRIANO, J. A. .; ZAQUEU, L. da C. C. **A dupla excepcionalidade altas habilidades/superdotação associada ao transtorno do espectro autista: compreendendo as especificidades.** [S. I.]: Conjecturas, v. 22, n. 1, p. 1023–1041, 2022. Disponível em: <http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/547>. Acesso em: 10 de set. 2023.

FARAONE, Stephen V. **The World Federation of ADHD International Consensus Statement: 208 Evidence-based conclusions about the disorder.** [S. I.]: Elsevier Ltd., 2021. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S014976342100049X?ref=pdf_download&fr=RR-2&rr=7ffef5484afabcca. Acesso em: 10 de ago. 2023.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOTTA BE DONE - A BLUEY PODCAST: bonus ep (aka Joe Brumm in 2021!). [Locução de]: Kate McMahon e Mary Bolling. [S.I.]: Podbean, 2010. *Podcast*. Disponível em: <https://www.blueypod.com/e/bonus-ep-aka-joe-brumm-in-2021/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LOPERA-MÁRMOL, Marta; IRANZO, Ivan Pintor. **The representation of neurological and mental disorders in tv series**: complexity, transmission, and educational models. [S. l.]: De Boeck Supérieur, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NORDAHL-HANSEN, Andres; TØNDEVOLD, Magnus; FLETCHER-WATSON, Sue. **Mental health on screen**: a DSM-5 dissection of portrayals of Autism Spectrum Disorders in film and TV. [S.l.]: [s.n.], 2017.

PITKIN, Hanna Fenichel. **Representação**: palavras, instituições e idéias. São Paulo: Lua Nova, 2006.

SILVEIRA, Denise Tolfo; GERHARDT, Tatiana Engel. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WALKER, Nick. Neurodiversity: some basic terms & definitions. **Neuroqueer**, 2014. Disponível em: <https://neuroqueer.com/neurodiversity-terms-and-definitions/>. Acesso em: 10 de ago. 2023.